

FACULDADE DE FILOSOFIA DA UNIVERSIDADE DO RIO GRANDE DO
SUL E IUSC-BRAZILIAN CENTER DA UNIVERSIDADE DE WISCONSIN

TEXTO 7.

O FOLCLORE GAÚCHO NO BRASIL

Carlos Galvão Krebs.

Diretor do Instituto de Tradições e
Folclore da Divisão de Cultura da
Secretaria da Educação do
Estado do Rio Grande do Sul.

CARIOS GALVÃO KREBS

Diretor do Instituto de Tradições e Folclore da Divisão de Cultura da Secretaria e Educação do Estado de Rio Grande do Sul.

Quem fala em gaúcho pensa logo na bombachas, em bota e esporra. A indumentária gaúcha ressalta porque em todo o Brasil só existem três trajes típicos: o da baiana, o do vaqueiro e o do gaúcho.

Em fins do século XVII Portugal funda a Colônia do Sacramento (atual cidade de Colônia, na República Oriental do Uruguai) - para quadrar-se desafiadora frente à Buenos Aires castelhana, velha de cem anos. Foi o início de uma longa e cruenta luta pela posse da boca do Rio da Prata, de enorme importância estratégica e econômica.

Então não se poderia antecipar que o atual Estado do Rio Grande do Sul, junto com o Uruguai e a Argentina de hoje seriam o berço onde nasceria pouco depois um tipo de homem cavaleiro perfeitamente caracterizado: o gaúcho.

Portugal e Espanha faziam recair sobre suas colônias o tremendo peso dos estancos e dos monopólios. Daí surgiu o não menos grande contrabando nos dois povos e que encontrou o seu mais franco paraíso precisamente no estuário do Prata. Tanto foi assim que Espanha, numa tentativa de pelo menos controlá-lo, fundou a cidade de Montevideo ao terminar o primeiro quartel do século XVIII.

Para apoiar a infelizada Colônia do Sacramento, que tantas vezes passou das mãos portuguesas para as do castelhano e vice-versa, os portugueses construíram um forte na desembocadura da Lagoa dos Patos com o Atlântico (1737). Isso é o nascimento oficial do Rio Grande do Sul. Tal fortaleza, chamada então Presídio de Jesus-Maria José, é até hoje o único porto de mar com que conta o Estado, a nossa cidade de Rio Grande.

A extensa zona mediterrânea entre esse ponto e Montevideo, cheia de gado vacum e cavalos de origem européia, torna-se terra de ninguém, onde cavaleiros semi-bárbaros, muitas vezes mestiços de branco e índio, extraem os couros de vacas e touros, além do sebo, para oferecer aos abonados contrabandistas da costa que os negociam com os navios providos da Europa.

Sem pouso certo, esse tipo recente de "changador" vê engrassar seu número com os desertores espanhóis e portugueses, com os criminosos e os "fora-da-lei". Tal atividade predatória chega ao auge lá por volta de 1750. Pouco a pouco se vão extinguindo as anteriormente incontáveis vacarias. E os changadores, também chamados "gaudérios", passam a roubar o gado já costado, das incipientes estâncias de criação. Com indiferença servem a portugueses e espanhóis desde que prossiga o contrabando, perfeitamente tolerado do ponto de vista social, menos pelos prejudicados diretos e, como é óbvio, pelas autoridades fiscais da duas coroas.

A palavra "gaúcho" aparece escrita pela primeira vez em documento espanhol de 1711. Só em 1787 surge em documento português. Sempre com sentido pejorativo, de vagabundo, ladrão de gado, contrabandista, ou "cuatrero", como se diz no linguajar crioulo do Prata.

É desse tipo que, direta ou indiretamente, brotou o gaúcho da atualidade. Bem mais um produto econômico, social portanto, do que resultado de mistura étnica.

Da cultura européia herdou muita coisa, como a língua, o boi e o cavalo. Do indígena recebeu um legado ponderável, como as

boleadeiras (já em desuso), o laço e o mate, por exemplo, êstos últimos ainda vigentes.

Com o rolar dos anos o gaúcho ia polindo suas arestas e refinando suas qualidades. Quando irrompe no Rio Grande do Sul a Revolução Farroupilha (1835-1845), o tipo estava perfeito e acabado. Varonilidade, coragem física e moral, respeito à palavra, à família, ao fraco e ao vencido, hospitalidade, elegante desapego aos bens materiais e aquela galhardia de gestos em que não fica mal uma pitada de arrogância e de fanfarronice. Esse o seu retrato.

Só depois do decênio farroupilha a palavra "gaúcho" perde a primeira significação depreciativa. Hoje possui dois sentidos. Um restrito, para designar o homem do campo, hábil cavaleiro e bom conhecedor das atividades pastoris. Outro, como adjetivo gentílico, indicando as pessoas nascidas no Rio Grande do Sul. Mas seria tempo perdido procurarmos a etimologia d'êste curioso trissílabo: existem pelo menos trinta e cinco hipóteses. Poucas com remota possibilidade, só algumas com probabilidade e nenhuma com certeza.

Se o gaúcho é homem "de a cavalo", de cultura predominantemente portuguesa como todo o Brasil, é compreensível que o seu folclore fundamental gire em torno do boi e do cavalo, e que se expresse em língua portuguesa. Mas ninguém se perturbe ao surpreender palavras e expressões acastelhanadas no linguajar gaúchesco. O Rio Grande do Sul pertence inequivocamente à cultura brasileira. Mas não pode fugir a outra realidade incontestável: faz parte, também, da "provincia folclórica pampeana", que compreende, dentro de seu largo horizonte, o gaúcho do Rio Grande do Sul, o do Uruguai e o da Argentina. Daí deriva a comunidade do linguajar campeiro, da criação de gado, sensivelmente o mesmo nos três países. Adgmais, praticamente temos fronteira seca com essas duas nações irmãs. Seria tolo, além de impossível, evitar uma natural interação, uma como que exose e endose entre duas culturas juxtapostas, a brasileira e a castelhana.

A indumentária atual do gaúcho é a bombacha, botas, e esporas, guaiaca (cinto largo, com bolsos), casaco e camisa comuns, lenço de seda ao pescoço e chapéu de feltro, aba larga, preso ao queixo pelo barbicacho. Os complementos são o pala retangular, com abertura no centro para enfiar pela cabeça, faca à cintura (indispensável instrumento de trabalho) e o revólver. Sua arma branca específica para luta se chama adaga, sem cope mas com cruzeta.

A mulher gaúcha, como aconteceu na Argentina e no Uruguai, não conservou nenhum traje tradicional. As moças que vemos bailando as nossas danças folclóricas tiveram necessidade de criar uma es-tilização para acompanhar a indumentária masculina.

Nossa música folclórica se distingue da do resto do Brasil por um fato curioso. A viola e seu sucessor, o violão, aqui foi também o instrumento folclórico por excelência, como até hoje acontece nos demais Estados da federação brasileira. No extremo Sul, porém, surgiu a gaita de fole (sanfona em outras regiões do país) após a primeira metade do século passado. Desbancou o violão, tomando-lhe o primeiro posto. Foi porque nessa música é caracteristicamente inspirada na gaita, com acordes de terças superpostas que se resolvem num acorde de quinta justa. Basta ouvirmos o "Boi Barroso", nos sa mais antiga canção, ou "Prenda Minha", talvez a mais bela, para sentirmos com clareza que a linha melódica provém diretamente do teclado da "cordona", como também aqui chamamos à gaita.

A quase totalidade das danças folclóricas do Rio Grande do Sul tem origem portuguesa, como por exemplo o "Fixinho", a "Chimarrita", a "Cana Verde". Uma é de procedência espanhola, via Rio

da Prata: a "Tirana". E outra, de origem desconhecida até o momento, é a "Chula", nossa única dança de desafio, só para homens, equivalente ao "Malambo" platino.

As trovãs de porfia, menos brilhantes que as do nordeste brasileiro, são tradicionais no Rio Grande do Sul, cantadas ao som da gaita, geralmente.

As quadrinhas populares, bem como o rifoneiro gaúcho do Brasil, são majoritariamente portugueses. E quando dizemos "portuguêses", sempre vai implícito nessa idéia o caminho das Linhas Atlânticas dos Açores, donde o Rio Grande do Sul recebeu importante caudal humano.

Nosso folclóre culinário não está pesquisado suficientemente. Entretanto, a quem vive longe ou chega de fora, dois petiscos regionais chamam logo a atenção. Um é o indefectível churrasco, carne assada ao calor das brases, condimentada simplesmente com sal puro - ou em solução com água, a salmoura. Há várias maneiras de assar ao gosto gaúcho. Antes o churrasco era assado sobre as brases diretamente, reservando-se o nome de assado para a técnica do espêto. Na atualidade, porém, a voz churrasco é genérica, mesmo porque ninguém mais assa carne diretamente em cima das brases. Também está abandonado o assado com couro, técnica mediante a qual se assa a carne juntamente com o couro da rês, ao espêto ou à grelha. Muitas vezes este assado era servido frio.

O outro prato gaúcho a que nos referimos é o arroz-de-carreteiro, um guisado de charque cozido juntamente com arroz na mesma panela. Antes de cortar o charque é preciso deixá-lo de molho "para tirar a força do sal".

Além do "puchero", forma gaúcha do tradicional farvêdo brasileiro, e do mocotó, espécie semelhante à panelada pernambucana, o churrasco e o arroz-de-carreteiro são os nossos dois pratos mais populares.

Quanto à doçaria, é famosa a cidade de Pelotas. Sobre esta sua especialidade existe uma obra, com prefácio de Athos Damasceno - Ferreira, publicada há pouco pela Editora Globo, desta Capital, inclusive com receitas: "Doços de Pelotas".

No que toca ao lendário, o Rio Grande do Sul prossegue contando várias lendas universais, como a do lobisomem, o licântropo - pregado do V século antes de Cristo, algumas indígenas, com área de dispersão abrangendo todo o país, tal a do beitatá, já registrado em 1560 na Bahia pelo Padre José Anchieta, algumas estritamente locais, como a de Imembuí, e uma outra maravilhosa, oriunda do próprio Rio Grande do Sul e que é também a nossa única, a nossa grande lenda genuinamente gaúcha: O N. crinho do Pastoreio. É um sópro de piedade humana circulado um pretinho escravo e segregado. Esta lenda foi estilizada, de maneira insuperável, por Pinões Lopes Neto (diga-se de passagem, o maior contista regional do extremo Sul) em "Contos Gaúchos e Lendas do Sul", recentemente reeditados pela citada Editora Globo.

Como objetos típicos do Rio Grande do Sul e de fácil aquisição nesta Capital, indicam-se facas, cuias e bombas para chimarrão. As bombas, e também os cabos e brinhas das facas, bem como o bocal das cuias, podem ser trabalhados em metal branco estampado, ou em prata ou ainda em prata e ouro levradas a mão. Neste último caso ganham não só em valor intrínseco, mas como valor de artesanato tradicional. Peças de uso comum e de tamanho natural, como também miniaturas interessantes, encontram-se com facilidade nas joalherias e mesmo tabacarias de Forte Alegre. Inclusive em forma de pregadores, pulseiras e botafleuras. Observa-se que as boleadeiras aqui vendidas de tamanho natural, rarisssimamente são autênticas.

Antes de finalizar faz-se necessário esclarecer que o Rio Grande do Sul é o único Estado do Brasil que conta com um movimento tradicionalista, com cerca de duzentos centros espalhados desde a Ca

pital até os mais longínquos rincões, aplicados ao cultivo e à manutenção das tradições gaúchas.

É que nosso Estado, típico Estado de imigração até o presente, no decurso de seus dois séculos de história recebeu outras correntes étnicas que não a portuguesa, especialmente de africanos (1737), de alemães (1824) e de italianos (1875).

Os negros nos proporcionaram oportunidade e motivo para a lenda do Negrinho do Pastoreio, antes mencionada. Conservaram aqui a escultura popular em madeira. Mantém no Rio Grande do Sul, até agora, as suas danças rituais e "rezas" cantadas em gôgo-nagô, com tradição oral que conta mais de quatrocentos anos no Brasil. É o auto das "congadas", também chamado "quicumbi" e "moçambique", já em processo de esfacelamento, mas que se refere a fatos e personagens históricos do século XVII, como a Rainha Ginga, de Angola.

Os alemães nos deram o "Kerb", por exemplo, o jogo do boião, o barzinho intimo com o hábito da cerveja, o "Kasperletheater" (teatro de fantoches) e os "Haberer", tradição bávara com mais de mil anos, extinta na Alemanha há meio século mas pujante em nossa Capital.

Dos italianos herdamos o jogo de bocha ("boccia"), os pratos de massa e, especialmente, o "galletto al primo canto". Trata-se de um gostosíssimo prato gaúcho, nascido em Porto Alegre entre 1940 e 1942, de inspiração vêneta, italiana portanto. Em apenas vinte anos o "galletto" tomou de assalto o Estado e já grande parte do Brasil. Hoje não se pode mais vir ao Rio Grande do Sul sem provar o churrasco e o "galletto".

Tôda essa gente, como dissemos em outra oportunidade, parou aqui veio "suar, amar e morrer junto conosco", matizando fortemente a cultura gaúcha com sua contribuição original e enriquecendo-nos extraordinariamente.

BIBLIOGRAFIA

NICHOLS, Madaline Wallis:

- "The gaúcho - Cattle hunter. Cavalryman. Ideal of Romance". Duke University Press, Durham, North Caroline, 1942.
- "O Gaúcho - caçador de Gado. Cavaleiro. Ideal de Romance". Tradução brasileira por Castilhos Goicochêa, Livraria Editora Zélio Valverde S.A., Rio de Janeiro, 1946.
- "El Gaucho". Tradução castelhana de Cristina Morales de Aparicio, Editora Peuser, Buenos Aires, 1953.

CONI, Emilio A. :

- "El Gaucho". Editorial Sudamericana, Buenos Aires, 1945.

RODRIGUES, José Honório:

- "O Continente do Rio Grande", Edições S. José, Rio de Janeiro, 1954.

GOUIARD, Jorge Salis:

- "A Formação do Rio Grande do Sul", 2ª edição, Livraria do Globo, Porto Alegre, 1933.

CESAR, Guilhermino:

- "História da Literatura do Rio Grande do Sul", capítulos I e II. Editora Globo, Porto Alegre, 1956.

LOPES NETO, João Simões:

- "Contos Gauchescos e Lendas do Sul", com prefácio de Augusto Meyer, posfácio de Carlos Reverbol e glossário por vários autores. edição crítica por Aurélio Buarque de Holanda, 5ª edição da Editora Globo, Porto Alegre, 1957.

MEYER, Augusto:

- "Guia do Folclore Gaúcho". Gráfica Editora Aurora Ltda., Rio de Janeiro, 1951.

CASCUDO, Luiz da Câmara:

- "Dicionário do Folclore Brasileiro". Edição do Instituto Nacional do Livro, Ministério da Educação e Cultura, Rio de Janeiro, 1954.

RAMOS, Arthur:

- "Folclore Negro do Brasil". Livraria Editora da Casa do Estudante do Brasil, 2ª edição, Rio de Janeiro, 1954.

Endereço. para consulta e correspondência

Oficial...: Carlos Galvão Krebs

Divisão de Cultura da Secretaria de Educação
Instituto de Tradições e Folclore
Edifício Lopes Dias - 11ª andar - Fone 54-48
Rua Carlos Chagas
PORTO ALEGRE, Rio Grande do Sul, Brasil

Particular.: Carlos Galvão Krebs

Rua Alvares Machado, 314
PORTO ALEGRE, Rio Grande do Sul, Brasil